

The background of the entire page is an abstract artwork. It features large, irregular, torn-edge shapes in shades of pink and light orange. Overlaid on these are various textures of gold, including fine, parallel lines and more chaotic, brush-like strokes. The overall effect is layered and tactile.

DIANA MOTTA

PELE

Curadoria
Marina Bortoluzzi

Diana Motta

PELE



curadoria
Marina Bortoluzzi

PELE é a exposição individual da artista Diana Motta, que acontece na Galeria Mamute em São Paulo. Com mestrado em Artes pela Universidade de Chicago, a artista apresenta uma série de pinturas que criou durante seus estudos e pesquisa em arte na Universidade de Chicago, com término em 2024.

Sob a curadoria de Marina Bortoluzzi, a mostra reúne obras em diferentes técnicas, formatos e tamanhos, incluindo óleo sobre tela, pintura em caseína, aquarela, além de pastéis secos e oleosos sobre papel. A curadora destaca: “Diana Motta adota uma metodologia que remete à artista sueca Hilma af Klint e à alemã Agnes Pelton, que vive nos Estados Unidos. Ela se vê como um canal para essa experiência metafísica, captando uma essência subliminar. As obras são elaboradas em camadas interligadas, assim como suas interpretações de mapas astrais, nas quais ela observa a sobreposição atemporal dos elementos da vida. Muitas vezes, liberando-se da autocritica e do julgamento, a artista realiza desenhos automáticos mediúnicos em pastéis sobre papel, como demonstrado na série “Anthropophagic Metamorphosis”.

Data de abertura da exposição: dia 3 de setembro de 2025
Visitação até 20 de setembro.

Galeria Mamute | São Paulo
Brigadeiro Galvão, 990
Horário de funcionamento: das 11h às 17h.





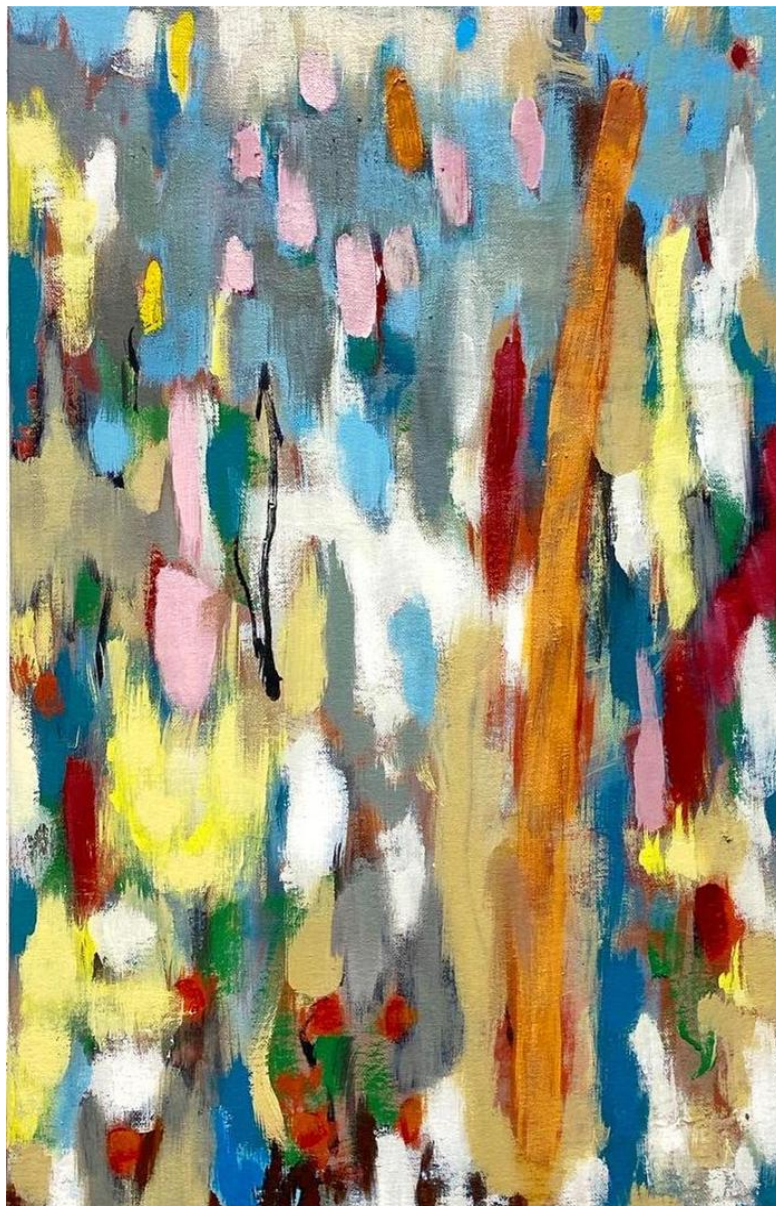
Birth Of The Moon, 2024

Pintura a óleo sobre tela
138 x 139 cm



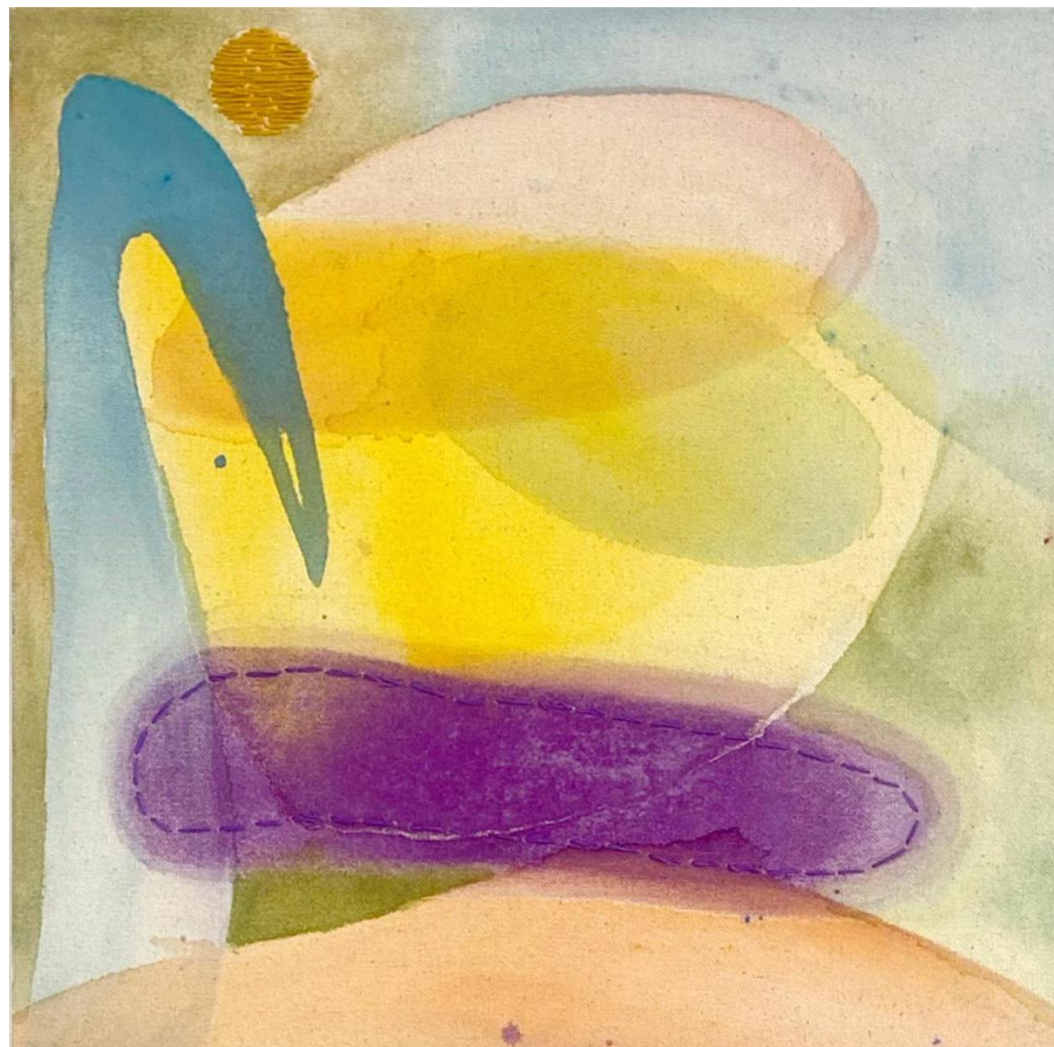
Divination III, 2024

Pintura a óleo sobre tela
45 x 35 cm



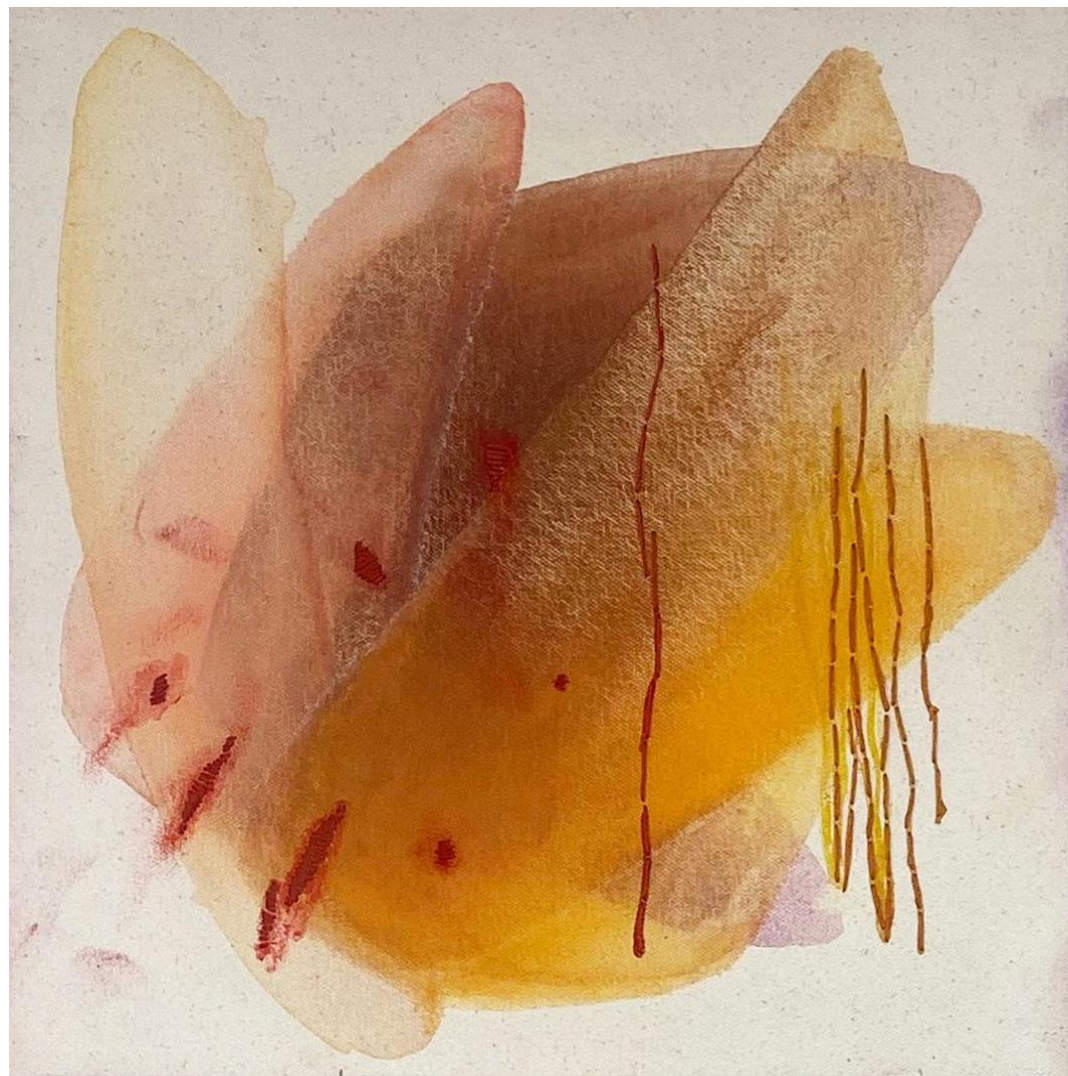
Untitled, 2023

Óleo sobre tela
43 x 33 cm



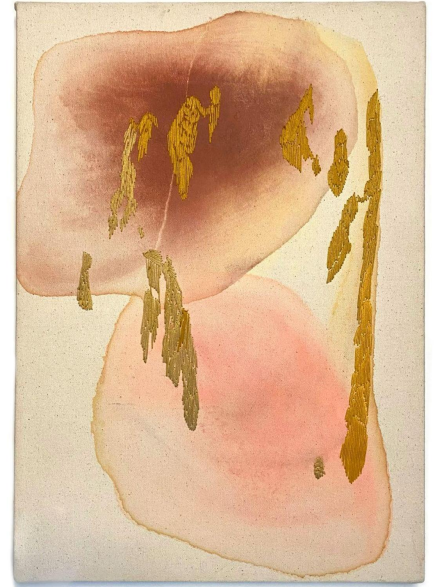
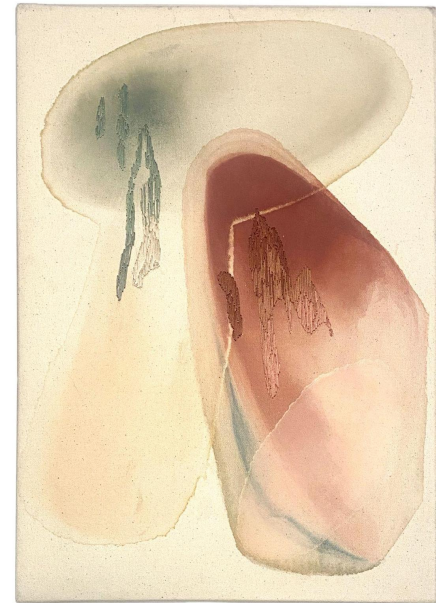
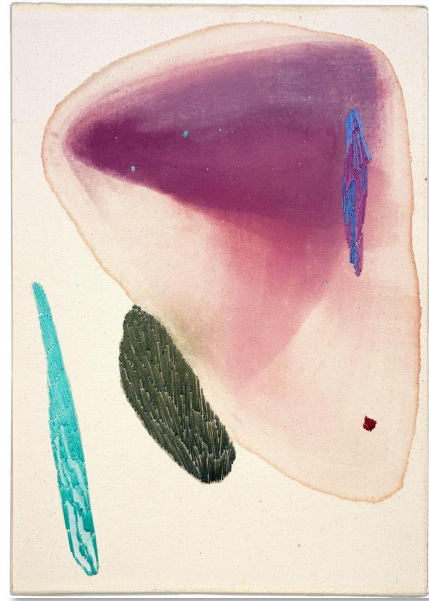
Cisne, 2023

Pintura com caseína e bordado
sobre tela
35 x 35 cm



Sem título, 2023

Pintura com caseína e
bordado sobre tela
35 x 35 cm





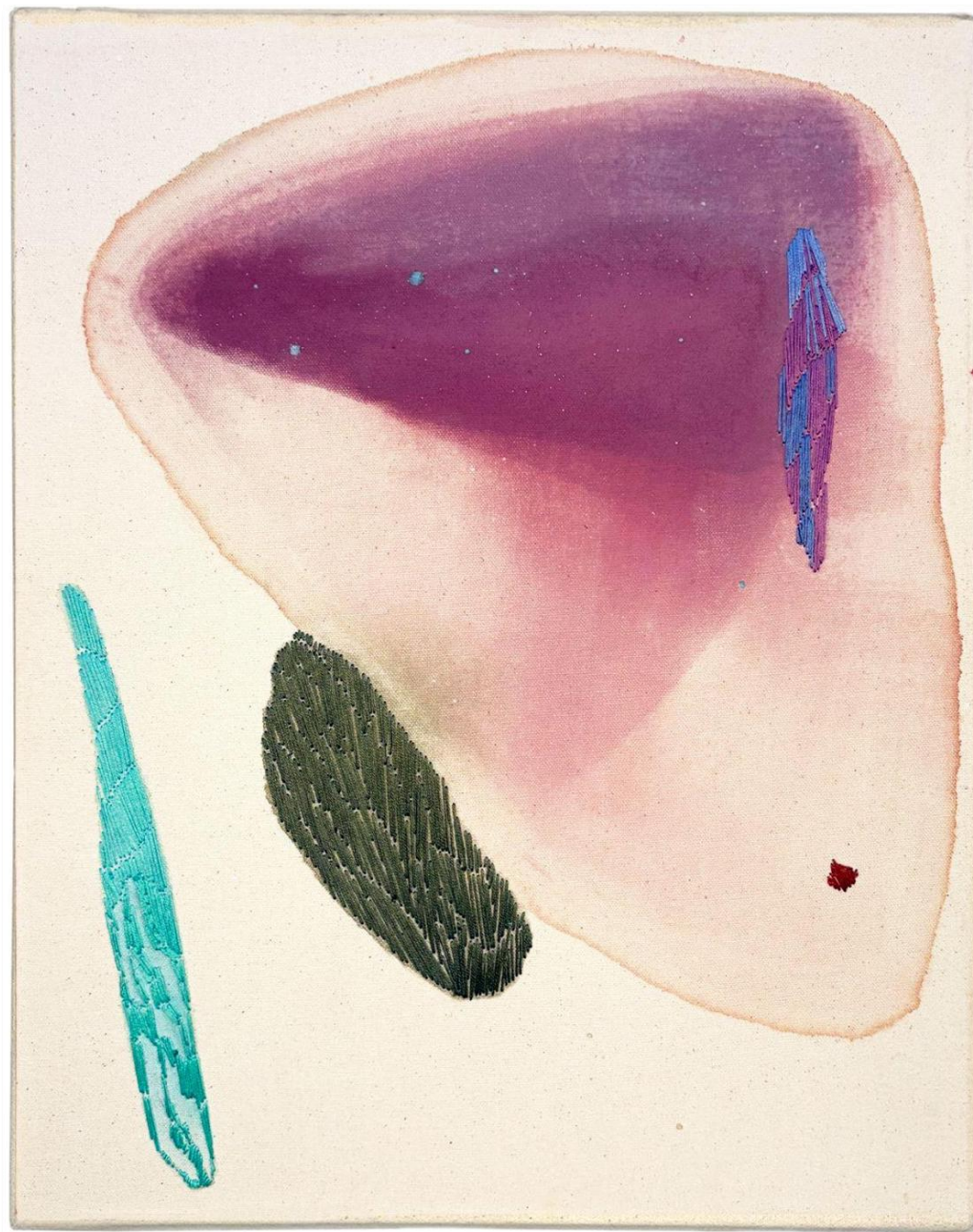
Deep Thought, 2024

Pintura com caseína e
bordado sobre tela
60 x 40 cm



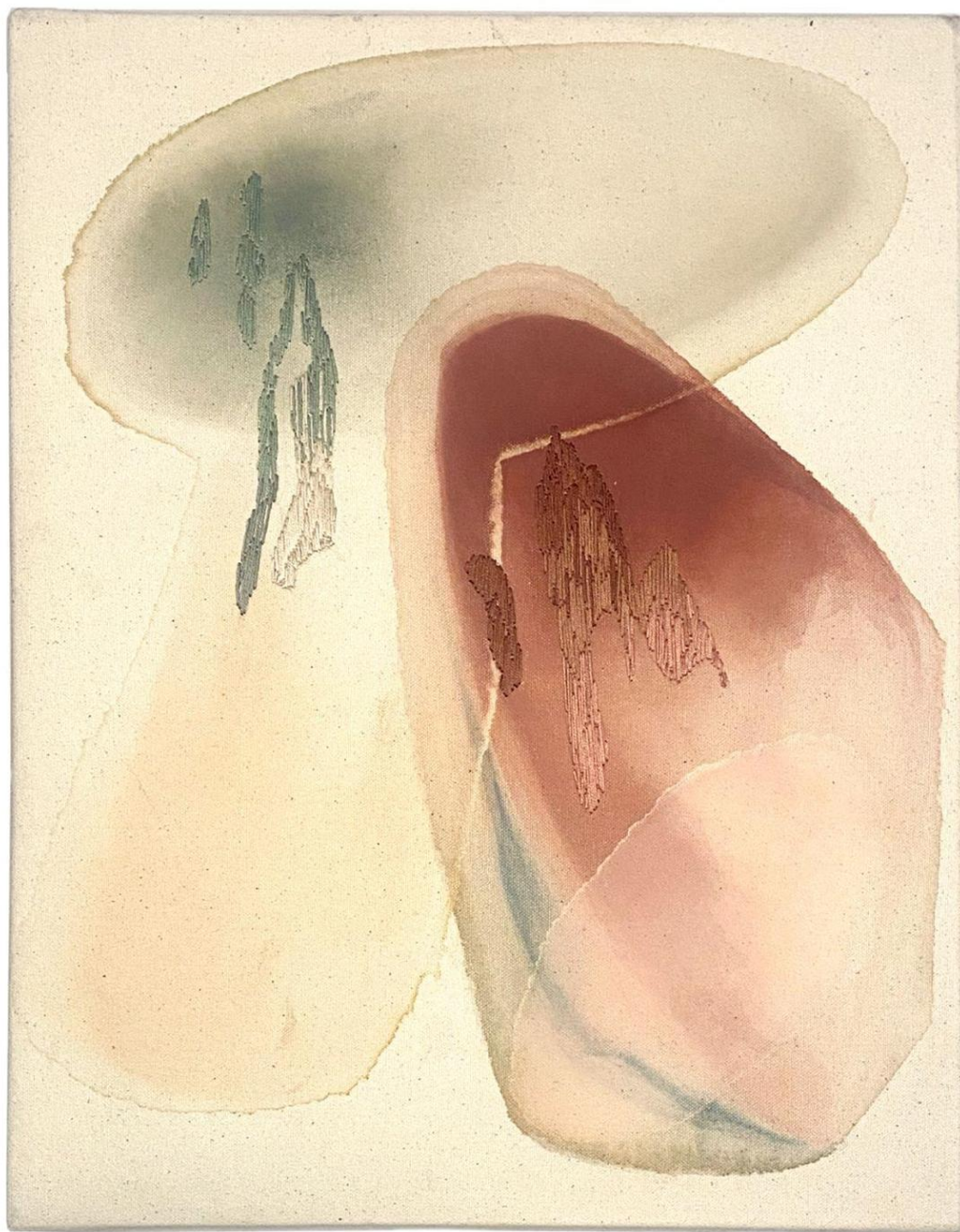
Deep Thought, 2024

Pintura com caseína e
bordado sobre tela
60 x 40 cm



Deep Thought, 2024

Pintura com caseína e
bordado sobre tela
60 x 40 cm



Deep Thought, 2024

Pintura com caseína e
bordado sobre tela
60 x 40 cm



Deep Thought, 2024

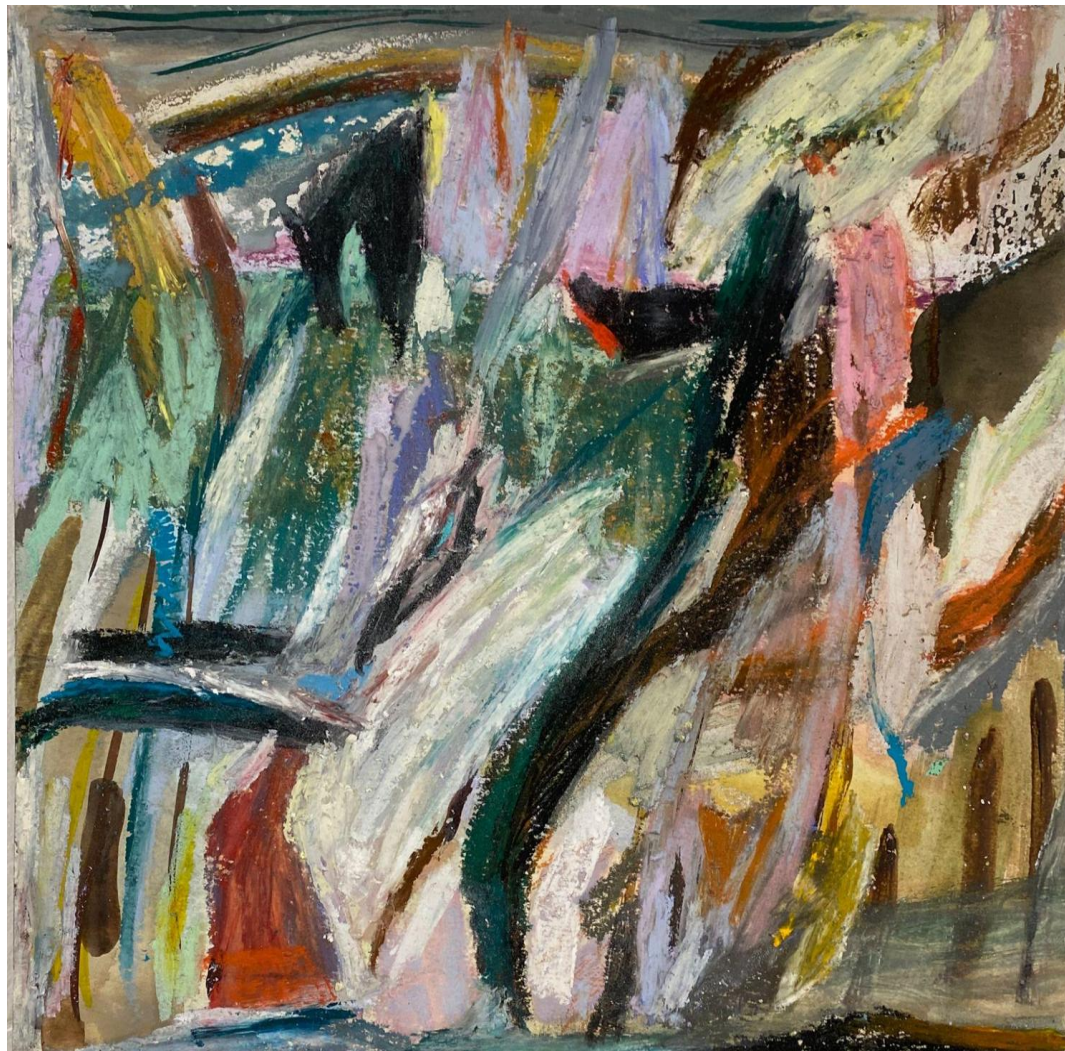
Pintura com caseína e
bordado sobre tela
60 x 40 cm





Anthropophagic Metamorphosis I, 2024

Aquarela, pastel seco e pastel oleoso
sobre papel
30 x 30 cm



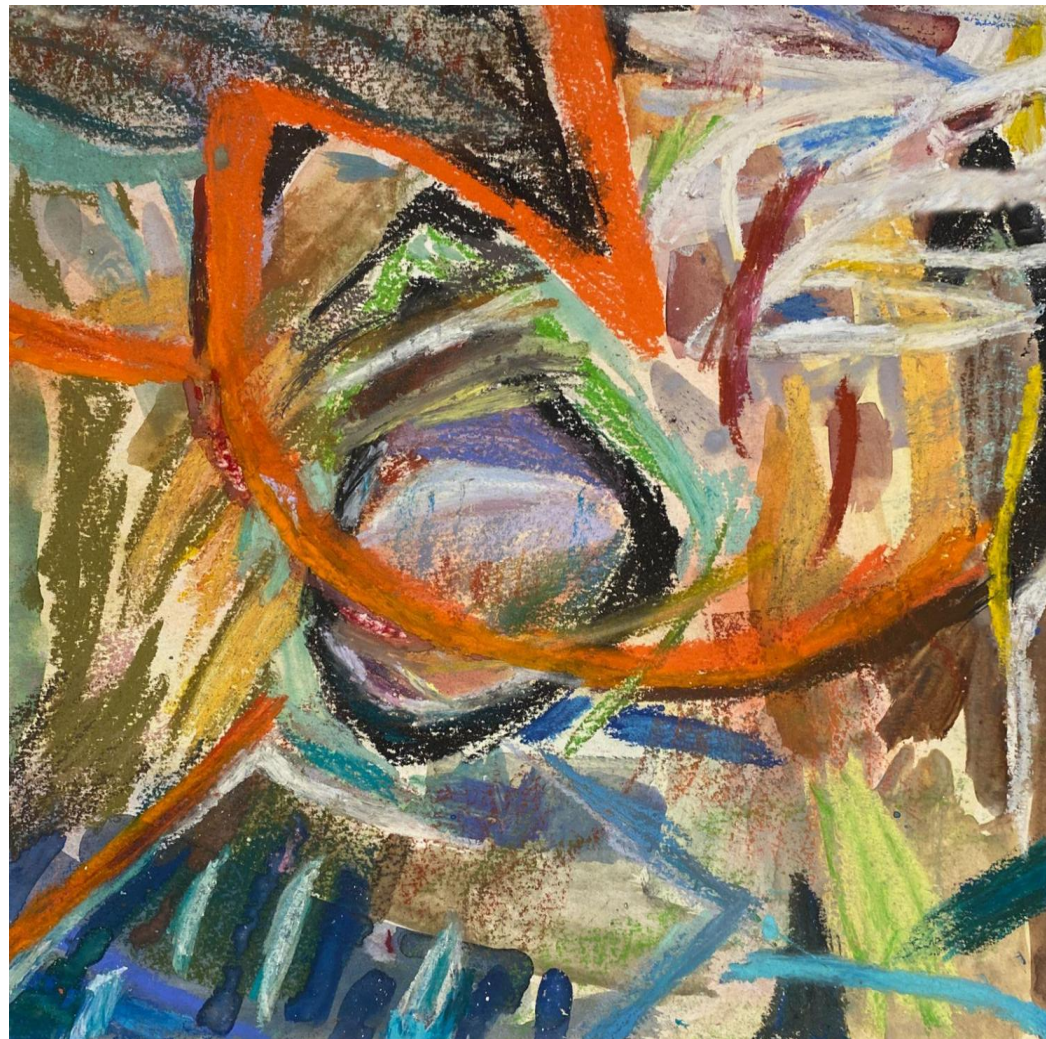
Anthropophagic Metamorphosis II, 2024

Aquarela, pastel seco e pastel oleoso
sobre papel
30 x 30 cm



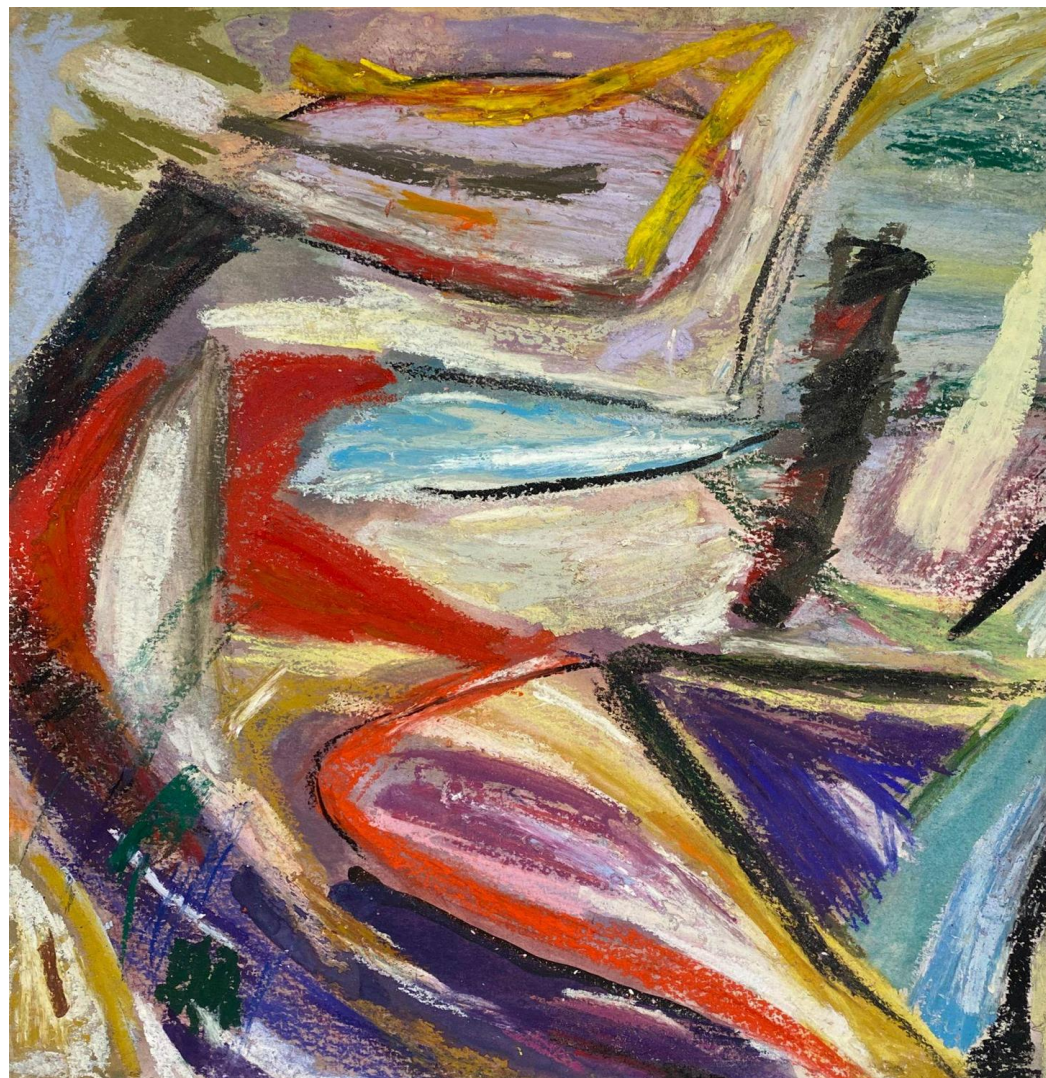
Anthropophagic Metamorphosis III, 2024

Aquarela, pastel seco e pastel oleoso
sobre papel
30 x 30 cm



Anthropophagic Metamorphosis IV, 2024

Aquarela, pastel seco e pastel oleoso
sobre papel
30 x 30 cm



Anthropophagic Metamorphosis V, 2024

Aquarela, pastel seco e pastel oleoso
sobre papel
30 x 30 cm



Anthropophagic Metamorphosis VI, 2024

Aquarela, pastel seco e pastel oleoso
sobre papel
30 x 30 cm

PELE

Texto curatorial, por Marina Bortoluzzi

Na tradição da Kabbalah, tecnologia mística milenar, a narrativa da criação revela que, no princípio, Eva e Adão eram seres revestidos de “Ohr Haganuz”: vestes de luz ou o estado natural do esplendor espiritual. Sem forma definida, sua pele era transparente, composta de energia vital manifestada. Após o “pecado original”, Gênesis 3:21 afirmou: “E fez o Senhor Deus túnicas de pele e os vestiu”. Deus lhes moldou em um corpo, com “Kotnot ‘Or”: vestimentas de pele. Em hebraico, a palavra pele (עור, or) acentua essa particularidade: dependendo da grafia, pode significar tanto invólucro quanto luz, apresentando uma correspondência secreta entre corpo e espírito. Derivada de peh-leh, traduz-se como algo maravilhoso, extraordinário, milagroso. Na terminologia cabalística, “ki yafli” pode também referir-se à fonte, à porta da luz infinita, ao espelho do Criador ou ao Kether, o nível mais alto da consciência.

A artista visual Diana Motta, que também tem formação como astróloga, e é aficionada por assuntos metafísicos e espirituais, como o budismo, o taoísmo e a filosofia, dedica-se há mais de 17 anos ao estudo da Kabbalah: uma sabedoria profunda, não dogmática, que até pouco tempo era apenas compartilhada com homens, acima dos 40 anos. Dentro desse conhecimento, registrado em compêndios aramaicos como o Zohar, a Kabbalah ensina, aos iniciados, que dez emanções, chamadas de Sefirot, estruturam a humanidade no diagrama simbólico da Árvore da Vida. Em um ciclo contínuo, a parte inferior apresenta Malkuth, a esfera mais terrena da existência, ou o Reino, enquanto o topo representa Kether, a coroa, passando no percurso da evolução por outros estágios, como Chochma, Bina, Daat, Chessed, Guevura, Tipheret, Netzach e Yesod, este último entendido como o fundamento que conecta nossa energia espiritual com o mundo físico.

O processo artístico de Diana acompanha o fluxo do propósito da Kabbalah: esvaziar-se, despindo-se do ego, para ser recipiente de luz, instrumento visceral a serviço do nosso Eu Superior ou de emissários espirituais, como um depósito das bênçãos divinas. Sua batalha constante é a de confiar no mistério, ceder e retomar o controle, permitindo que a magia adentre nessa entrega. A artista considera a pintura abstrata como uma prática que favorece a expressão da compreensão cósmica, através do seu corpo. Ela se afasta da lógica racional e dá margem para que o inusitado aconteça, com gestos de intenção, mas sem a obrigação de fazer sentido. Assim, a pintura se revela.

Em uma metodologia similar à da artista sueca Hilma af Klint e próxima à da alemã, radicada nos Estados Unidos, Agnes Pelton, Diana entende-se como um veículo desta canalização subliminar, absorvendo uma experiência metafísica. Suas pinturas são produzidas em camadas que se cruzam, assim como suas leituras de mapas astrais, nas quais percebe a sobreposição atemporal dos aspectos da vida. Muitas vezes, sem o bloqueio da autocritica e do julgamento, ela realiza desenhos automáticos mediúnicos, em pastel seco e oleoso sobre o papel, como na série “Anthropophagic Metamorphosis”.

Outra técnica que utiliza é a do soak-stain (mancha por imersão), eternizada pela artista do Expressionismo Abstrato, a americana Helen Frankenthaler, em que Diana derrama a tinta a óleo sobre a tela deitada, permitindo que penetre nas fibras do tecido, como na obra “Birth Of The Moon”. Mas essa fluidez e suavidade líquida, lembrando uma aquarela, aparece de modo mais evidente na série “Deep Thought”, onde a artista brasileira combina bordado e caseína, técnica ancestral, datada do Antigo Egito, que aprendeu em seus mais de oito anos de vivência nos Estados Unidos. A caseína consiste no uso da proteína do leite como aglutinante para os confere uma textura aquosa e aveludada, emergindo um efeito de flutuação e luminescência. Em “Cisne”, Diana acrescenta ainda o arquétipo do pássaro mágico, que na mitologia hindu, está associado à Sarasvati, a deusa da arte, bem como a Brahma, deus criador do universo, símbolo da polaridade, da metamorfose e da transmutação.

Sua abstração espiritual — termo cunhado na minha pesquisa de mestrado — é pontuada por esses simbolismos etéreos, formas de pureza que configuram estruturas amórficas e orgânicas, elaboradas a partir do processo, da presença e da frequência a que são submetidas. Aqui também se desvela a pele da pintura. A “carne” ou materialidade pictórica transmite, como postula Wassily Kandinsky em “Do Espiritual na Arte”, a necessidade interior da artista. A epiderme translúcida de suas obras pode ser interpretada como a interface entre o tangível e o invisível, metáfora do véu sutil entre o corpo físico e o mundo espiritual. No entanto, para Diana, não interessa essa separação: ela não nega o corpo, tampouco o prazer. Para a artista, assim como na visão cabalística, corpo e alma estão entrelaçados e caminham em sinergia. As 14 obras produzidas entre 2023 e 2024, expostas neste espaço e pela primeira vez no Brasil, envolvem também intensa libido e sensualidade, em consonância com a espiritualidade.

A transcendência não consiste em eliminar a matéria. Diana Motta nos lembra sobre a possibilidade de sermos criadoras e criadores das vestes que habitamos, tornando-nos mais conscientes e confortáveis na nossa própria pele. A pele é o receptáculo da centelha divina, fragmento da luz infinita inserida em cada um de nós. E a arte vai além do caráter de película: é portal de conexão, canal por onde presenciamos esse milagre.

Marina Bortoluzzi

Curadora da mostra

Mestre em Estética e História pela USP/São Paulo

GALERIA DE ARTE MAMUTE

PORTO ALEGRE | FLORIANÓPOLIS | SÃO PAULO

Fundada em 2012 por Niura Borges, a Galeria de Arte Mamute desempenha um papel importante no desenvolvimento e na promoção da arte contemporânea brasileira.

Com um acervo diversificado, a galeria representa artistas consagrados e também dá espaço a novos talentos que estão em ascensão no cenário artístico. Suas obras abrangem uma ampla gama de técnicas, incluindo pintura, desenho, gravura, escultura, fotografia, instalação e novas mídias.

Os artistas representados pela Mamute estão inseridos em importantes coleções nacionais e internacionais, como o Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC/USP), a Pinacoteca de São Paulo, o Museu de Arte do Rio, o Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MACRS), o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) e a Fundação Vera Chaves Barcellos. Além disso, muitos deles participam de eventos de prestígio, como a Bienal de Veneza, a Bienal de São Paulo e a Bienal do Mercosul.

A galeria também promove iniciativas teóricas e práticas, como debates com artistas, pesquisadores e curadores, bem como atividades educacionais, incluindo palestras, cursos e residências artísticas. Essas ações visam fomentar o conhecimento e a reflexão sobre a arte contemporânea, contribuindo para um ambiente de aprendizado e troca de ideias.

Reconhecida por sua atuação no campo das artes, a Galeria Mamute já recebeu diversos prêmios, como o de melhor espaço institucional e melhor exposição, além de reconhecimentos nas mídias tecnológicas, no prestigiado Prêmio Açorianos de Artes Plásticas e prêmios da Funarte de Artes Visuais.

Com presença em Porto Alegre, Florianópolis e São Paulo, a galeria participa regularmente de feiras de arte de destaque, tanto nacionais quanto internacionais, como SP-Arte, ArtRio, SP-Arte Foto, Feira Parte (SP), Feira Pinta (Miami), BAPhoto (Buenos Aires), Latitude Art Fair (Nova York) e Not Cancelled (Viena).

A Mamute se distingue não apenas como um espaço expositivo, mas também como uma plataforma de atendimento personalizado, acompanhando colecionadores e clientes em todo o processo de aquisição de obras de arte, desde a seleção até a entrega, garantindo uma experiência enriquecedora e satisfatória.



**SÃO PAULO**

Rua Brigadeiro Galvão, 990
Barra Funda. 01151000

(11) 91907-4554
mamutegaleria@gmail.com

www.galeriamamute.com.br

FLORIANÓPOLIS

Corporate Park – Rod. SC 401, 8.600
(Bloco 4 SL 01) 88050-000

(48) 988407039
mamutegaleria@gmail.com

PORTO ALEGRE

Rua Caldas Júnior, 375
Centro Histórico.

(51) 999168818
contato@galeriamamute.com.br

